



**Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015**

I Seminário de Projetos Integrados  
I Jornada de Extensão  
I Seminário de Iniciação Científica  
I Encontro de Pós-Graduação

## **O GRUPO DE MULHERES DO ARARAS: EXPERIÊNCIA DE VIDA E TRABALHO COM E NA CAIXA AGRÍCOLA**

Lívia Valeska Santana Souza<sup>1</sup> - Unifesspa  
Idelma Santiago da Silva<sup>2</sup> - Unifesspa

Agência Financiadora: PÓS-GRADUAÇÃO/PROFIT

**Área de Conhecimento:** Interdisciplinar

### **1. INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa “O Grupo de Mulheres do Araras: Experiência de vida e trabalho com e na Caixa Agrícola”, tem como objetivo principal realizar uma investigação de como o trabalho e o gênero se constitui(ram) categorias fundamentais ou não da experiência dessas mulheres, desde a sua emergência como Grupo às relações estabelecidas com e na Caixa Agrícola do Araras (CAAR). Pretende-se compreender como as mulheres elabo(ra)ram suas experiências das relações de gênero e trabalho, especialmente como representam o gênero e fazem uso dele para compreender e significar essas experiências. O recorte temporal da pesquisa será de 1989 a 1997, isto é, da criação do Grupo de Mulheres à duração de sua relação com e na CAAR.

O Assentamento Castanhal Araras está localizado no município de São João do Araguaia (região Sudeste do Estado do Pará-Brasil), distante aproximadamente 40 Km da cidade de Marabá (principal núcleo urbano da região), cuja principal via de acesso é a rodovia Transamazônica. O assentamento foi criado com uma área de 5.084,8463 (cinco mil, oitenta e quatro hectares, oitenta e quatro ares e sessenta e três centiares), prevendo a criação de 92 unidades agrícolas familiares, segundo a retificação da Portaria de Criação Nº 633 de 04 de agosto de 1987.

Nessa investigação das experiências das mulheres do Grupo de Mulheres do Araras, destaca-se como referencial teórico o conceito de experiência (THOMPSON, 1981; SCOTT, 1999; LARROSA, 2011), trabalho (MARX, 1984; REZENDE, 2009; ANTUNES, 2004) e gênero (SCOTT, 1995). O entendimento de gênero como conceito e categoria de análise, segundo a historiadora Joan Scott (1990, p.13), consiste em “[...] uma tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar certo terreno de definição, para insistir sobre a inadequação das teorias existentes em explicar as desigualdades persistentes entre as mulheres e os homens”. Scott (1995, p. 86) destaca que não podemos pensar o gênero somente pela via de que trata de estudos sobre a mulher, pois o gênero como categoria analítica é concebido como “um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e uma “forma primária de dar significado às relações de poder”. Assim, trata-se da construção social das diferenças e sua associação às relações de poder.

### **2. MATERIAIS E MÉTODOS**

Este é um trabalho com a metodologia da história oral, ainda que ocorra o uso de documentos escritos. Assim, as fontes principais são entrevistas orais realizadas com participantes do Grupo de Mulheres do Araras. E para isso a história oral é uma metodologia pertinente, visto que a mesma vem sendo usada

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia – PDTSA. Bolsista FAPESPA. E-mail: liviavaleska@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em História, Professora da Faculdade de Educação do Campo e do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (ICH/Unifesspa). Coordenadora do Projeto de Pesquisa *História das mulheres do campo: memórias e identidades na luta pela/na terra no sudeste do Pará*, com apoio do CNPq. Email: [idelma@unifesspa.edu.br](mailto:idelma@unifesspa.edu.br)



**Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015**

I Seminário de Projetos Integrados  
I Jornada de Extensão  
I Seminário de Iniciação Científica  
I Encontro de Pós-Graduação

largamente por estudiosos e pesquisadores de diferentes áreas das ciências humanas, por ser um método onde o pesquisador vai ter um contato mais direto com os sujeitos-objetos de pesquisa e com maiores possibilidades de acessar as visões e significados atribuídos às experiências pelos seus próprios agentes. Além disso, sua relevância e pertinência para o estudo com sujeitos que contam, quase que exclusivamente, com suas próprias palavras para contar sua história e significar suas experiências. Para Thompson (1992), a história oral transmite todas as qualidades distintivas da comunicação oral, em vez de escrita – sua empatia ou combatividade humana, sua natureza essencialmente tentativa, inacabada.

Através da metodologia da história oral, visamos reconstruir a partir das narrativas das mulheres do Grupo de Mulheres do Araras, a história de ocupação, participação e resistência dessas agricultoras rurais do Assentamento Castanhal Araras. Entende-se que a história oral consiste numa metodologia voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento e do saber das experiências de vida.

Nessa linha, a história oral centra-se na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. Peter Burke (2000), descreve a memória como uma reconstrução do passado, uma vez que lembrá-lo e escrever sobre ele não são atividades ingênuas e inocentes como julgávamos até bem pouco tempo atrás. Identificamo-nos com acontecimentos públicos relevantes para o nosso grupo e que por nós passam a ser incorporados e filtrados por nossas estruturas comportamentais.

A pesquisa encontra-se em andamento. Até o momento, foram realizadas quatro entrevistas com as mulheres e uma outra com uma das principais lideranças do Araras (homem). As entrevistas realizadas foram de tipo temática e semiestruturada. A saber, entrevista semiestruturada ocorre quando “o enunciador faz um discurso livre orientado por algumas perguntas chaves” (LARROSA, 2002).

Também foi realizada pesquisa documental nos arquivos do Centro de Estudos, Pesquisa e Assessoria Sindical e Popular (CEPASP), que assessorou as famílias da área e que me disponibilizou relatórios de reuniões feitas com as mulheres, registro de Atas, Estatuto da Caixa Agrícola do Araras, cartilhas e fotos. Além disso, foi realizado levantamento de documentos no Instituto de Colonização e Reforma Agrária- INCRA, incluindo o mapa do perímetro do projeto de Assentamento Castanhal Araras com divisão dos lotes, a Portaria de Criação e Retificação do Assentamento e o Plano de Recuperação do Projeto de Assentamento Castanhal Araras elaborado em 2005 pela Cooperativa de Prestação de serviços- COPSERVIÇOS.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As histórias de vida das mulheres do Grupo de Mulheres do Araras, além de fortalecer a luta travada junto com seus companheiros por um pedaço de terra e condições dignas de plantar e produzir, também foi marcada por outras lutas, mas no caso das mulheres, esta luta foi travada para não serem desconsideradas e invisibilizadas na hora dos acontecimentos e decisões mais importantes. Então a memória e o ordenamento que as mesmas dão aos fatos levam a uma certa linha cronológica, que vai desde o tempo da luta pela terra até o tempo da luta de direitos dentro da comunidade, da sua família e em espaços/ relações externas. Também não posso deixar de enfatizar, a importância que a memória tem para esta pesquisa ao tratar as experiências de vida das mulheres. Para Pollak (1989), a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência. Além disso, ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos chaves.

O assentamento Castanhal Araras foi o primeiro criado na região sudeste do Pará e deveria servir de modelo para outros assentamentos. Nele, a primeira forma de organização sociopolítica foi através do sindicalismo, com a Delegacia Sindical do Araras, que fortaleceu a organização dos trabalhadores rurais no assentamento e para além dele. Em seguida, com a contribuição da experiência da Delegacia Sindical, cria-se a Caixa Agrícola do Araras em 1988, sendo esta uma entidade sem fins lucrativos que tinha como função organizar a produção e viabilizar a comercialização mais justa para os produtos dos agricultores (CEPASP, 1992). As famílias assentadas eram organizadas por um sistema de associação que era determinado por lotes, sendo que só uma pessoa da unidade familiar poderia se tornar sócio, e conseqüentemente todos os membros da família também seriam beneficiados (CAAR, 1988). Em 1992 64% das famílias assentadas participavam da CAAR (CEPASP, 1992).



**Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015**

I Seminário de Projetos Integrados  
I Jornada de Extensão  
I Seminário de Iniciação Científica  
I Encontro de Pós-Graduação

O Grupo de Mulheres do Araras foi criado em 1989 e definido, segundo o próprio Grupo, como “movimento formado por trabalhadoras rurais da comunidade, também envolvida com extrativismo, especialmente do cupuaçu”. (CEPASP, 1992, p.4). Ainda segundo o mesmo documento o Grupo “faz parte de uma organização maior que é o Movimento de Mulheres de São João do Araguaia, organizado dentro do Sindicato de Trabalhadores Rurais do município”. Para essas mulheres o Grupo representava uma forma de organização política e produtiva bem como um espaço de (auto) formação, conforme elas próprias: “discutimos outras formas de trabalho conjunto, onde pudéssemos não só trabalhar, mais também conversar, trocar ideais, criar laços e solidariedade e nos aproximarmos mais uma das outras” (CEPASP, 1992, p.5). O grupo contava com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João do Araguaia, o Movimento de Mulheres do Campo e da Cidade, a própria Caixa Agrícola do Araras e o CEPASP na tentativa de se organizar e garantir melhores condições de vida no campo.

O Grupo de Mulheres do Araras iniciou seu processo organizativo com a experiência da horta comunitária em seguida com o trabalho de aproveitamento do cupuaçu. O Grupo reunia no 2º domingo de cada mês onde planejava, elaborava e discutia vários assuntos pertinentes a comunidade. Porém, para além desse cronograma, o grupo se reunia também em outras ocasiões, visando “ampliar o trabalho e despertar o interesse de outras companheiras (...). Sempre nessa perspectiva de encontrar alternativas econômicas viáveis juntamente com a Caixa Agrícola”. (CEPASP, 1992, p.5).

Visto que a história de mulheres na constituição e trajetória dos assentamentos é marcada por muitos atos de discriminação naturalizada. Discriminação respaldada pelas visões patriarcais impostas por uma sociedade machista, sexista e hierárquica. Que em consequência disso acaba produzindo/reproduzindo a subordinação e o silenciamento dessas mulheres. No entanto, a participação nesse processo de luta e permanência na terra, as mulheres vêm realizando trabalho político e produtivo relevante para construção de dignidade para suas vidas, a reprodução das famílias e comunidades.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considero de extrema importância à construção dessa pesquisa, tendo em vista que visa abordar o processo de construção histórico cultural da sociedade, a dinâmica das relações sociais que é estabelecida nos padrões de um modelo hegemônico. Estes modelos ditam comportamentos, atitudes e forma de pensar e agir de determinados grupos. Desta forma, entendo que os padrões de masculino e feminino produzidos na sociedade são determinantes na formação de identidade de gênero. Essa formação é resultado da (re) produção ideológica, política e cultural consolidada nas práticas sociais em diversos segmentos da sociedade que contribuem para manutenção das diferenças de gênero. Espero que esse trabalho possa contribuir para uma compreensão sobre as histórias de vida das mulheres do Grupo de Mulheres do Araras nessa relação de trabalho com e na Caixa Agrícola. Além disso, espero trazer elementos sobre a importância da auto-organização dessas mulheres, na sua relação com a construção de um projeto de sociedade mais justo e com equidade de gênero no campo.

Conclui-se ainda que o referido trabalho se apresenta como um desafio complexo e exigente, o de evidenciar a práxis dessas mulheres camponesas, que durante muito tempo têm sido silenciadas e ou invisibilizadas nas suas experiências.

#### **REFERÊNCIAS**

ANTUNES, Ricardo. **A Dialética do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

BURKE, Peter. História como memória social. In: \_\_\_\_\_. **Variiedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CEPASP – Centro de Educação, Pesquisa e Assessoria Sindical e Popular. **Movimento de Mulheres do Araras**: fortalecendo as lutas. Marabá, 1992.



**Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015**

I Seminário de Projetos Integrados  
I Jornada de Extensão  
I Seminário de Iniciação Científica  
I Encontro de Pós-Graduação

LARROSA BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação. Nº 19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

LAROSSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação.** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n.2, p. 04-27, jul./dez. 2011.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política.** Volume I. São Paulo, 1984.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Recife: SOS Corpo, 1990.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

THOMPSON, E.P. **O termo ausente: experiência.** In:\_\_\_\_. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. (trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 180-199 (digital – net).

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.